

CRÓNICA DO QUOTI DIANO IN ÚTIL

j. chrystello



CRÓNICA DO QUOTI DIANO IN ÚTIL

Vol. 2 (1967-1975)

j. chrys chrystello

nota do autor: memórias de outros tempos –

Este livro foi primeiramente policopiado a “stencil” em Timor no verão de 1974, logo após a Revolução dos Cravos de 25 de abril.

Durante mais de 35 anos andou perdido dado não existirem cópias dessa edição. O autor saiu de Timor para Bali (Indonésia) em 1975, regressou a Portugal nesse ano e saiu em 1976 para Macau. Os manuscritos originais foram entretanto passados à máquina de escrever em Macau (1997-1982) e arquivados. Viveu na Austrália (Sidney e Melbourne) antes de assentar no Porto, Bragança e Açores (agosto 2005). Foi aqui - em novembro de 2011 - que ao arrumar os arquivos deu com uma pasta mal catalogada onde estavam esses manuscritos que ora se recuperam com enorme alegria, em especial por surgirem quando o autor celebra 40 anos de vida de vida literária...

O curioso é que este segundo volume da CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL abarca quase na totalidade os textos que a censura do regime salazarista cortara do primeiro volume que foi publicado em maio 1972, sendo posteriormente acrescentada uma mancha de textos desse ano. Optou-se por converter tudo ao novo acordo ortográfico embora no original meses e nomes aparecessem já em minúsculas nessa data.

Para quem não viveu a era do “lápiz azul” da censura decerto será difícil entender que não havia liberdade de expressão e que estes textos eram impublicáveis naquela época.

Trata-se de escritos de um jovem entre os 20 e os 23 anos de idade e justamente preocupado com o ambiente que se vivia de desesperança e opressão, sob o espetro da guerra colonial. Algumas observações de ordem política eram tão atuais em 1972 como o são agora, o que mostra apenas que a retórica e a demagogia são as características principais desta democracia à portuguesa que se vive desde 1974. Junta-se um posfácio escrito em 1976 relativo ao primeiro livro e, sendo esta uma segunda edição foi decidido acrescentar alguns textos que haviam ficado de fora da versão anterior.

1ª edição (do autor), Dili, Timor, maio 1974

**TEMPO VAGO
ROTINA INCÓMODA
HÁBITO INCORRUPTO
DOR DERROCADA
SILÊNCIO MASTIGADO
TEMPO VAGO
TEMPO INCORRUPTO
TEMPO INÚTIL**

1. índice

capítulo i das peregrinações (aos locais sagrados e interditos da literatura) às madrugadas poéticas (com pretensões a santuários)

1. fábula 6. para não dizerem que não falei de flores fev. 16, 1970
2. e.37. tantos os sonhos (a soeiro pereira gomes) mar 16, 1973
3. e.38. (ao daniel filipe) abr 30, 1973
4. 422.2. herói à força, sem força. dez 21, 1971
5. 398.2. jogos de portuguerra, abr 1, 1972

capítulo ii das efabuladas eternidades

6. e.32. estórias da minha terra
7. 281-1. alquybirismos agosto 5, 1971/dez 29, 1972
8. e.10. diariamente noticiários e poemas inconsequentes, mar 1970
9. e. 9. para uma história parcial que fale de homens. fev. 16, 1970
10. e. 15. crónica do quotidiano 2, junho 11, 1970

capítulo iii das divindades, as três idades do homem (do sonho, da corrupção, da morte)

do sonho

11. 414. a poesia é uma bola sempiterna mai 27, 1972
12. e.16. vem correr comigo (à bi rua) jun 11,12, 1970
13. e.17. para uma canção triste de embalar (à bi rua) jun. 26, 1970
14. e.28. o calor das pedras, set 16-17, 1971

da corrupção

15. 381 – 2. o homem corrupto
16. e.30. crónica do quotidiano 3, memórias de guerra. set 24, 1971

da morte

17. 408. carta aberta dum condenado
18. 412. um homem morreu só. mai 9 1972
19. e.20. e de súbito, noturnamente toda uma vida. set 1970
20. 415. missmundície. jun. 2, 1972

capítulo iv das verdades heroicas, talvez inconfessadas

21. 421. habitante de todos os calendários jul. 26, 1972
22. 294. poema triste. set 29, 1971
23. 398.1. bucólica. mar 27 1972

capítulo v - das dolorosas certezas narradas com temor

24. 295. o génio. a grotowski. set 29 1971
25. 409. a mulher de metal abr 27, 1972
26. 420. onde? jul. 15,1972
27. e.33. o futuro é hoje ago 10 1972
28. 366. (à mi) dez 18, 1971
29. 396. olhos de silêncio. mar 22, 1972
30. 222. ódio? suicídio? maio 7, 1970

2. posfácio crítico a “crónica do quotidiano inútil” vol 1 1972

Se é um **“EU”** entediado que nos aparece como centro dos textos¹, esse eu-narrador define-se como alguém quotidianamente disfarçado na vida da cidade, numa cidade moderna e desumanizante. O mais importante dos textos é o mostrarem exatamente a monotonia e o absurdo de uma certa sociedade. É o mostrarem o nosso dia a dia cinzento e martelado. Sim, porque é de nós que se trata: *“É impossível para um indivíduo isolado constituir, por si só, uma visão do mundo totalmente estruturado, e por conseguinte, existe uma relação orgânica que une, ao nível das estruturas do pensamento, o escritor e o grupo social com que ele se relaciona”*². Para não falarmos de autor (noção incómoda) digamos que o narrador é perfeitamente identificável conosco, com uma pequena-burguesia estudantil e de esquerda (se quisermos, a todo o preço um rótulo, utilizemos este, sem esquecer que *“as pessoas ultrapassam sempre a estreiteza dos rótulos”*). Daí, o não definirmos este **eu** que se enuncia nos poemas: notemos que ele é um de nós, que a sua experiência diária é a nossa. Talvez mais desesperançada, talvez mais minada pelo tédio. Mas, em todo o caso, refletindo a escrita esse tédio (enumerações infindáveis, inventariações exaustivas de ações, frases-feitas tiradas do discurso dominante) ela é também (sempre) a diferença: o que é novo e inesperado, não-rotineiro: «o hábito incorrupto feito rua» é, pelo menos, corrompido pela presença de um “contestatário”. Certos jogos de palavras são decididamente influenciados por outros poetas da cidade (Daniel Felipe, Manuel Alegre de *“Lisboa perto e longe”*³) da emigração, da guerra. Mas há o novo. E são expressões como *«por isso no séc. XX colonizamos a Europa “a salto”»*. Esta ironia amarga que ressalta de todo o livro, espécie de revolta sem objeto de fixação definido, de tom levemente anarquizante e desencantado está presente num dos mais bonitos e significativos poemas: o IX, em que se fala dos rapazes tímidos do último banco de trás dos elétricos. A crueza dos factos que são matéria da sua poesia (quer pela sua violência, quer pelo seu pacifismo balofo e pequeno-burguês) dá lugar a bons momentos poéticos. A adjetivação acompanha a estranheza de que se fala e é, por vezes, inesperada “frenéticos vaivéns” “sons pensativos” e mais. A nível sintático são poucos os cortes, com a tal linearidade que se pretende afastar. O novo modernismo das gerações de [19]60-70 foi muito mais longe na desmontagem sistemática da frase e, com ela, de todo o pensamento “normal” e produzido pelo “bom senso” do homem maduro e honesto, do tal funcionário já farto de “funcionar” que o poeta abomina. Se a “antecipação do encontro” que só terá lugar no infinito nunca é pedida, resta no entanto a palavra que fica inscrita “nas folhas de papel” abrindo, apesar de todo o desencanto, lugar à esperança.

Isabel Margarida Duarte, 17/X/1976, Professora associada da FLUP,

Departamento de Estudos Portugueses e Românicos 2011 iduarte@letras.up.pt

¹ *“Este tempo é quadrado
Em cada canto uma angústia
O centro sou eu.”*

² Jacques Leenhardt, citado por E.P.C. in “O Reino Flutuante”.

³ São de notar semelhanças com a escrita de José Bação Leal. A mesma denúncia surda de um quotidiano de miséria, dos Brandos Costumes de uma Lisboa adormecida; as mesmas metáforas da guerra e da emigração, a mesma desconfiança perante um Deus que não protege, afinal, *“tous ceux qui tombent”*:
XV.

*“Quem cria o homem
A Fome, a Guerra e a Morte
Tem forçosamente de ser tido por mau” e,
Bação Leal diz “Não posso acreditar num Criador distraído”:*

CAPÍTULO 1

DAS PEREGRINAÇÕES

(aos locais sagrados e interditos da literatura)

ÀS MADRUGADAS POÉTICAS

(com pretensões a santuários)

1. fábula 6. para não dizerem que não falei de flores. 16 fevereiro 1970

Quer acreditem ou não
na timidez do meu silêncio
até já o confessei
na solidão do meu retiro
tenho uma flor guardada
(- que novidade! -)

há quem guarde selos
automóveis, livros
memórias vivas de pessoas mortas

bem, mas adiante...
a flor que tenho é diferente
está numa redoma de vidro
(- que novidade! -)

há quem tenha estatuetas em redomas

bem, mas esta flor +e diferente
não seca nem murcha
nem bebeu o elixir da juventude
mas mantém-se como no dia
em que foi colhida
as suas pétalas bem abertas
a sua policromia
o seu pedúnculo ainda ereto
o seu cheiro perfumado
bem, mas afinal a quem isto? –
eu nem devia dizer
mas a flor és tu
por isso eu a afago
ela me acaricia
no dia a dia em que a rego
e os beijos que lhe dou
não é a ela, é a ti
sabes porquê?
a ti ninguém apanha
enquanto a flor
é minha, irremediavelmente minha

mas ninguém me garante
que seja mais feliz
tendo-te a ti
e perdendo a flor.

2. e.37. tantos os sonhos (a soeiro pereira gomes) mar 16, 1973

tantos os sonhos
nunca demarcados
meu irmão de todo o tempo
insubmisso
perseguidos
por uma mancheia de quimeras
engalanámos as palavras
falaciosas ambições
imensos campos
por habitar
lezírias de lentas mortes
estioladas
gretava o verão
severos carões
ninguém cuidara
os linótipos esmaeciam
aquosos gradeamentos
da saudade

- era então o tempo –

fortunas dissipadas
amargor de mil cansaços
prematura senilidade
febril catarro
escrava luta
cifras
tabelas
gráficos
mecanizado o homem
engrenagem-sem-nome
impiedosa e febril cadeia
gangrenosos ossos
no silêncio chantagista
se diluía a sobrevivência
vasta paisagem
por entre o adobe
paredes
quatro
desfraldadas
vogando ao vento
do desprezo motorizado das sanguessugas

PERFEITA SÚCIADADE

irrefreado progresso
civilização do abandono

deserda-se a agricultura
cria-se ferro
 cimento
 fome
tímida e simples
 a voz do povo
 (que ainda resta)
recusa a caridade
 das piranhas
secretas as greves
 corrompem a opressão
selvagens se abatem
 esbirros e lacaios

(ah! como é bom ser-se proletário
 no feudo do patrão)

tu - meu irmão
não assististe
 ao mito no apogeu
de nascença condenado
 o sentenciavas
tuas mãos eram a dor
 sempre retardada
escreviam a agonia lenta
 dos que calam
exultante vitória dos que não consentem

militantes modelos
 de rebeldes se venderam
falsos heróis
 covardes de merda
felizes os traidores
 pelo pão nunca trincado
 pela carne inviolada e casta
 pela fome mitigada
riquezas imensas
 saldo de lassos músculos
quem as ergueu?

imolados os corpos
 sem palavras nem gestas
abatem-se de luto aldeias
paga-se da fome
 a vida
a salto se emigra
 a preço de morte

- decide-te irmão -

volte a nós quem a nós pertence
connosco reagirás
à opulência de discursos em família

- obsoletas conversas que não asfixiam –

repudiamos toda a antropofagia
que nos hipoteca

não os executemos
também eles sentirão
um só dia que seja
um só instante
o vão esforço do suor grátis

nesse dia
urgente e único
inexorável
o grito
então comunitário
então revolucionário

PRESENTE!

para que não morram por desprazer
pelas dores insofridas
pelo sangue ulcerado nunca cuspidos
pelas mãos imaculadas sempre assassinas
revolver-se-ão aposentados donos
deste feudo saqueado

dançaremos o cântico final
apoteose de labaredas
vossos corpos defuntos

serão nossos o chão
a pátria liberta
a vocação insubmissa

ninguém nos apode de vingativos
honraremos
das memórias a vossa
adubaremos das cinzas vossas
o pão

algo renasce das ruínas vossas
a esperança

- quem nos confortará
nesse instante ingente? -

3. e.38. (ao daniel filipe) abril 30, 1973

1.

margem insólita de todo o poema
sempre nos habita
algures
a palavra
gesto
talvez sorriso
familiares viajantes de toda a história
pairam sobre a memória do cristal
estrangeiros pensamentos crescem dos dedos
invadem a casa
lavrando
sonhos impossíveis

atração eternizada nos transcende
mística magia de rochas por decifrar
fantasiosas
oportunistas
divagam
insustentáveis teses
nos zimbórios da retórica
agnósticos
céticos
espraiam-se fervorosos

no grito infeto
a louca viagem
multicolor do tempo
grades de raiva
inaudito flagelo

pregaram às janelas do cérebro
holofotes de cura do sono
o crime da estátua
tensas mordanças
hirtas teias
paisagens sem idade

supliciaram o templo inerte
do corpo
violaram memórias
confissões sempre retardadas

o ódio calmo
sereno companheiro

anda camarada
cospe-lhes o teu sangue puro
ri-te da dor animal
mas não lhes perdoes
mas não esqueças

o tóxico fumo
da indomável vontade
cansá-los-á

rendidos
frustres carrascos
abater-te-ão
e os dentes que te arrancaram
e a língua que não te soltaram
(embora ta cortassem)
e o pensamento que te não aprisionaram
serão a vitória
serão a troça

dos teus olhos abertos
dois vulcões de sangue
sem vida tos extirparam
para que morto
os não fulmines

teus ossos lançados às cinzas e ao mar
entoam canções heroicas
também tu és o nobre canto
resistente

camarada
nós te ergueremos
bandeira viva
é nossa a luta
é nossa a desforra
é nossa a trova
espada deste canto

amigo
a liberdade te pertence
a vida te merece
poema sem tempo
farpa
mista voz desfraldada
livros por habitar
no mundo-do-sem-fim
acorrentadas horas

penosas arqueologias
rastejantes
subterrâneas as vozes
nos invadem
fecundas
as mãos
giz
suor
ironia despojada de lágrimas
truncámos a palavra
deserta
(in)sobrevivente
vencida foi
no letargo da mediocracia.

2.
esgotem materiais e humanos
atinja-se a inanição
cooperem operários
técnicos
meros observadores
TODOS
novos
velhos
mulheres
inválidos
crianças
inclusive homens
(à cause du machisme)
reine a desordem
e o caos
não sucumba a vigilância
policia ineptos
soldadinhos de chumbo
bombeiros de palha
forças desmilitarizadas
vigilantes
bufos
corpo-de-paz
O IMPORTANTE SÃO AS FARDAS!
mobilizados todos
cursos especiais
de desinfestação
instrução de piqueniques volantes
guerra sem cartel nem quartel
até se estropiar a ORDEM
(abolido temporariamente o trabalho)

é perigosa
anda protegida e bem armada
(ao que consta
de fontes fidedignas)
o serviço nacional da malinformação
atento e venerando
tv
jornais
cinema-novo
teatro-de-vanguarda
convocados
haverá comunicados horários concisos
texto único

congressos-mundiais-de-combate-inútil-reunidos

(o debate é a base de toda a futilidade polemista!)

imperioso manter a população
hibernada
estado-de-sítio
recolher obrigatório
em todos os bordeis e lupanares
acerada vigilância
abolida a privacia
e a intimidade
vasculhadas pessoas e haveres
obstruam as ruas
com barricadas de papelão

(inauguradas em direto pela tv)

idades
estradas
portos
marítimos e aéreos
espiados
como rezam as tradições
francas das fronteiras

(a burocracia ocupar-se-á do restante)

antiguerrilheira e apátrida
- infiltrou a ORDEM -
teve o apoio de minorias já detetadas
condenada ao malogro
cresceu
e se fez gente temida
racionados viveres
por estratos sociais
senhas e talões
no mercado negro
dos *intelligence services* locais
amestrados cães pastores
vigilantes
rebuscam residências
a elite comunizava livros proibidos

o tesouro com poderes supranormais
emitia metal sonante
descongelados salários da administração
fomentada a espiral inflacionária
falidos pequenos e médios empresários
monopolizado o grande capital
o país crescia
sólido e inabalável

a ORDEM enaltecia a família e a religião
sem amigos nem-conhecidos-de-café
ninguém afrontava a pública militância
viajava-se nos coletivos
preferencialmente amarelos
desajustada tendência aos discursos
do grão-mestre

impostos pagos
residência nos subúrbios
débitos ao merceiro
jogadores fortuitos de totobolas
- apostas simples –
horários fixos por contratos coletivos

os católicos de domingo
funcionários devotados
soletravam o respeito
honestos e pontuais
sem ambições viviam
orgulhosamente sós.

- então chegou o tempo das flores –

maculado o vernáculo solo pátrio
desmascararam-se abusos
de vítimas nenhuma
sufocaram-se greves
carregou a polícia de choque
prisões maciças
sem culpa formada
torturas
deportações
nada foi eficaz
o poder legalmente constituído
autoridade irrefutável
caiu
sem pretensas liberalizações subversivas
debilitados os poderes cívicos
a elite dirigente escoiceada e depurada

- (eram homens públicos de muito mérito!) -
foram traídos pelo povo
a quem não serviam
reconheceu-se autoridade à ONU
entabularam-se negociações com terroristas
(até então guerrilheiros sem pátria)
ignoraram-se imaginosos esquiteamentos de brancos colonos
e a terra una
multirracial porque discriminatória
pluricontinental porque imperialeira
finalmente hipotecou tradições balofas
enterravam-se prósperos futuros planejados

(o presente era de crise
mas as previsões mentiam seguras)
aprestado o ajuste de contas
alguém houve
pagando com a vida
morte
ou o que preciso fosse
demolida a ameaça
pela população gentia
brotou a voz uníssona e liberta das massas
milhões de vidas salvas
antes de contaminadas

nascia um jovem continente no velho mundo.

4. 422.2. *heróis à força, sem força. dez 6-21, 1972*

(*runaway schoolboy, a allen ginsberg*)

rescende no instante a muda seiva
gorgolejante
 apocalítico rumor
horizonte longe
 perdido limite sem idade
refratário sol
 no grande canyon de todos nós
abrasa-nos este suco de texas-tea

impetuosa
 a boca do vento
 rasgou a fonte do olhar

diante de nós *the trip*
miragens eternizadas
 paisagens sem nome

inundadas armas do ventre
lento se abriu
 o tempo do delta
fulminantes deuses
 estátuas de visco
o triângulo
 vertiginosas ancas

crecemos na seca sede
- o país do corpo em retrato inteiro –
espoliamos a nudez virgem
 sem um vagido
correm duendes na floresta da seiva
irreprimida alegria escrava
pérfidos os gestos
 devoravam a paisagem de medos
e tu
 minha pobre árvore despedaçada
 permaneceste

extensa
 plácida testemunha
e duma só vez
 ao homem prometido
silenciaram o relógio das veias
amputadas vinte-e-três vozes de mistério

o grande escravo branco da medicina
encolheu indiferentes ombros

sarcástico cuspiu

god's away on a trip

então o intenso aroma

peyote nos estremecia

e pintávamos

jeronimus bosch na cela hospitalar

ríamos do *straight PhD MD*

gettin' high embandeirámos o desprezo

lembras-te, meu amor?

o Berkeley tribe tão póstumo

na face do cortejo

frisco era a cidade

e nunca lá fomos.

5. 295. o génio (a grotowski) set 29, 1971

1.

o poeta compôs o verso
alindou-o
 pesou-o
 limou arestas
quando acabou
 tinha parido uma folha em branco.

ou então recomeçemos desde o início:

o poeta projetou o verso
 na órbita interestelar
inquieta margens de rios sem fronteira
país cósmico do verbo
varrido o sonho
 pelo vento da insatisfação
limaram-se arestas
 vírgulas
 pontos
palavras senis revitalizadas
concluso poema
 desescrita folha
em branco
 bolso
 vago e roto.

2.

o poeta acreditou
 escreveu
 sonhou
embalando-se
 ledo de alma
reparou em si próprio
 humilhado
com desespero
 rasgou a obra
 desnecessariamente
(não haveria já quem a lesse).

ou então recomeçemos:

o poeta pincelou de vida
 disformes linguagens
pobre pedaço de gente
 só
 humilhante e inesperado
rasgou a obra
 desnecessariamente
(não haveria já quem a lesse).

3.

o compositor entrou

sentou-se

pediu sinfonia de açúcar e café

tocou

tocou

sem parar

no teclado da mesa

as colheres extasiadas

em suspenso

até ao instante das mesas vazias

lá compôs a sua obra

sob o repúdio nas cadeiras vagas

pelas mãos correram lágrimas

tombando nas teclas.

dessa música fiz um poema de amor.

estropiados anos

vorazes alheamentos

(e o mais só os poetas esqueceram

sem preço)

choverão póstumas homenagens

dos suplementos

até então mudos

literárias ruas

no nome de praças com estátua

- preito ao poeta que ninguém leu -.

6. 398.2. jogos de portugueria (a erich maria remarque). abr 1, 1972

aves de fogo nas asas
vômitos de morte
buscam-se homens
abrem-se corpos
jorra sangue inocente
escamoteado

balas de ódios suicidas
heróis à força
pequenos deuses
repetindo (é inútil!)
a vida
sobras de gente
alvos fáceis
na geometria do espaço
olhos de bruma
silêncios por incendiar

insigne canto sem sorte
cativoiro
desterro
diáspora
heréticos cadáveres da chuva

clandestina voz imolada
gruta suspensa na boca do espanto
e a trégua por instantes morou
no repouso dos sangues tumulares
e a cauda do cometa se fez canção
em mil gargantas renascidas

na margem do poema a falsa pátria
agoniza
a ciência é esta
erguemos a força
e nos crucificámos
tranquilos nos despedimos
menos um barco na raiz do tempo
liberto espaço do universal canto).

opacas avenidas da grande ilusão
anónima gente na formigante pressa
estas as douradas gaiolas de cimento
bem sei como é doloroso
atravessar luzidios corpos
cobardes máscaras

aqui imaginámos abjetas sevícias
confortante desamor
palavroso deleite
predestinados entes sobrevivivos
sacro dever da morte
e o povo fossando
a vala-comum-da-pompa-abissal

decadentes
prostrados
não se masturbem!
senhores deste mundo

desorbitados astros nos vigiam
no violino de teus lábios
nasce a vingança
a senha e o passe
deste cântico sem povo

(inventado o abismo imaturo
cavaleiros do sonho se vão
da lei sem pátria libertando
guerrilheiros de si e dos outros
palavras lhes faltam atávicas
benzidos pelo fogo de sacrários
sideram a genealogia do mito.)

aqui e agora se medita
inaudito espetáculo
revolucionários-ministros-de-guerra
em corpo-a-corpo
nações beligerantes
evitariam gratuito sangue

o povo pagaria imposto
para morrer desfastiado
passaria fome para ter governantes bélicos
a geografia da velhice sobreviveria em paz.

CAPÍTULO 2

DAS EFABULADAS ETERNIDADES

7. e.32. estórias da minha terra. jun. 12, 1972

1.

endormido corpo de pisar pedras
notívago leito
proibidos sonhos

sensacionalista da miséria alheia
o repórter bateu a chapa
primeira página de amanhã
cidadão-sem-rostro

identificado
o corpo de madrugar
pagará taxa de turismo

(a cidade
ruas e jardins
são do povo
não os usurpem!).

2.

oito anos descalços
duas estrelas cavas
na puída esquina
policromático recorte
remendos de olhar severo
faces nuas e suplicantes
"dois pensos uma c'roa"

(aqui começa
hoje
a ficção infinda do orgulho
em destino de pobre)

3.

"quem compra?"
soletra sem futuro adolescente
nas novas avenidas da mentira
fachada de estômago às moscas
pregando revoltas de dores postergadas
ilusórios ecos de recusa
silêncio-da-fome-sem-dias
perdida pressa de passos
nem mãos nem afagos
murchas violetas
cestos de eterna-espera

(decidida
 incisivamente
 estrangulemos esta voz
pobreza incómoda nos desperta
compremos um sonho
 já sequestrado
na-fome-da-ilusão-sem-dias).

4.
criança sem escola
também a ti
 interditaram a imagem e o invento
não vendas
 parcas esmolas em retrato-de-esquina
apregoa tão-só
 pensos de curar todas as misérias
ádua aprendizagem do dia a dia
inditosa saciedade do ócio

(nenhum óbolo
 paternalista
 caritativo
sofreará o vício de séculos espoliados).

5.
famílias há
 aos gritos
morrendo onde calha
 qualquer sol
 qualquer ocaso
sugadas dia a dia
 gratuitamente
promíscuas enxergas
 moribundas
 subvivas
sem heroicas gestas
 prostradas
 resignantes

(surdas rebeldias
 assanham-se homens
 assacam-se cães

CUIDADO! silenciam a voz do povo
 com místicas perigranças)

6.
dileta terra
 aqui o clima

a natural beleza
turísticos pósters da indigência
mascarem-se de pedintes os indígenas
todos

decorem-se cidades
ruas
vilas
praias
esplanadas-do-torpor-repetido

depois
cobrem-se as esmolas
todas

(milhares de fardas por pagar
dezenas de conselheiros a engordar).

7.
saudade
palavra rara
sonorífero da vontade
sempre adiada
repartida

palavra antiga
dor nova
(re)fundida
desolados
extensos feudos e baldios
para turista vir-ver-voltar

e já partiam novos e velhos
colonizadores da ambição desvairada
eterna
embaladora

esventravam povos
lendárias famas
viúvas de vivos
vozes de fábula

(no reino-do-clima-do-perpétuo-sol
nunca espantou saber
única
a saudade
- certeza histórica
de todas as cruzadas).

8.
opiados nasciam
analfabetos

ministros havia
tecnólogos da (des)informação
instituíam concursos
festivais
eleições de misses
para as massas
folclores de aluguer
touradas
fados
mulheres

no reino-sem-esperança
o povo
anestesiado e grato
bebia
o suor
calado
bailava o vinho
chorava fadas de folhetim
batia palmas
ao sagrado retrato
insensíveis olhos
via inaugurações
escolas
fontanários e pontões
via casacas
ministros
presidentes
banquetes
jantares
comemorações

9.
esqueletos de domingo
marginais habitantes do trabalho
sem futebol
longa espera
plácida contemplação
perdidos oceanos
da morte mais lenta
sonâmbulos visionários do sacro império
perene destino de colonizadores
bronzeados pelo sol
(pouco e tímido porque grátis)
rastejavam
esmoleres de fim de semana
milionários-da-ilusão-repercutida
heróis-de-todo-o-ano
à conquista de um só mês

(onde o dinheiro para comprar um verão decente?)

que restava senão endormir o desejo insatisfeito?

convictos sebastianistas
do nevoeiro

povo
de discursos ouvidor
de impostos pagador

gente
cantada
decantada
desencantada

escrava-do-sempiterno-senhorio-da-tradição

por que arrastas imagens de liberdade?
promessas que não saberias usar.

10.

vou ficar atento
anfitrião
alguém pode esperar
sou urgente para o adeus

(espanto desfraldado
ingênuo bandeirante
quem me acredita?)

alguém pode morrer
defraudado
longe
antes do tempo?

NO INSTANTE EXATO EM QUE FALAR!)

8. 281-1 alquybirismos. ago 5, 1971

zuniam martelos
de voz sem gente
mudos fantoches
soletradas tradições
sonoras imagens
acidental
(in)organicamente
colorávamos sentidos

(azul – paráfrase de amizade
irisado formigueiro
multiforme
deslizando dos cabelos).

perdidos projetos
no verde espanto
escancaradas
as bocas jamais vencidas
sofríamos sedes
fomes de muitas eras

obrigado
silente
searas esquecidas
de mãos nos cabelos
e foices na alma
tudo de meu passou a nada

exaltados pensamentos
agitantes
aquietavam mordanças
escalavrados outros
futuro nunca o souberam
imaginavam
vaga
inseguramente
o tempo
acreditando-se
únicos
privilegiados habitantes

adormecentes
os indeclináveis erros
ancestrais lutas
soterravam

justificar-se não podiam
condenados
 por tribunais do povo
nada (pre)nunciavam
 eternos-escravos-do-malquisto-sonho

vogavam névoas antigas
governados por reis de gaze
perdidos na poeira dos compêndios
 sorriam
entrevados destinos
 míseras lágrimas
 párias
e de tanto esperarem
 lhes nasceram neves nos olhos
e de tanto sonharem
 respiravam vulcões já extintos
e de tanto viverem
 sem o pressentirem
 iludidos morreram

ninguém deles
 hoje ouviu
defenestradas memórias
 colonizadores de paisagens

9. *e.10. diariamente noticiários e poemas inconsequentes, mar 1970*

1. previsão até às 24 horas de amanhã: céu muito nublado, vento fraco ou moderado de sudoeste, períodos de chuva fraca a norte do sistema montejunto-estrela, condições favoráveis à formação de nevoeiros durante a madrugada e começo da manhã.
2. chegam mensagens na manhã, húmida e viscosa. ondas das longas terras de áfrica embalam corpos esquarterados.
3. parte do cais do Sodré no próximo dia 13 mais um contingente de tropas em missão de soberania
4. em visita à expo internacional de osaka parte hoje, acompanhada de seu marido a senhora de...
5. ponto morto nas conversações unilaterais de genebra para o 100º acordo de paz.
6. mensagem de páscoa, praça de são pedro, roma: milhares de fiéis escutaram hoje a exortação de sua santidade o papa à paz ilimitada, ao fim das guerras, da fome e de todas as misérias que empalidecem a missão do homem à face da terra.
7. o fbi alarmado com a crescente vaga de crimes aumenta os seus efetivos criando novos corpos de luta contra raptos e corrupção política.
8. integrada no plano mundial de reabilitação do movimento hippie, os fleumáticos londrinos assistiram hoje à proclamação de independência de king's road e carnaby street.
9. segundo decisão da i.a.t.a. foram boicotadas as viagens aéreas após o desvio de mais uma avião para cuba. os passageiros, incólumes, à aterragem em la habana foram condenados a recuperarem a sua liberdade em junho próximo após colaborarem – gratuita e ininterruptamente – nas colheitas de cana de açúcar onde os atrasos provocados pela falta de mão de obra provocaram uma situação caótica nos mercados internacionais. este foi o 49º avião desviado desde o início do ano.
10. fim de uma era. rudolf hess não será libertado. na realidade, nem sairá da prisão de spandau após a sua morte, segundo um comunicado conjunto das potencias aliadas.
11. violento sismo abalou, de novo, portugal naquele momento submerso em intenso nevoeiro. para quem esperava dom sebastião a desilusão – de barcas só a de Caronte (centenas de mortos apurados até ao momento, as buscas por sobreviventes prosseguem), há milhares de feridos e desaparecidos. são incalculáveis os prejuízos materiais, ignoram-se dados quanto ao número de desalojados, foram criados subsecretariados especiais de auxílio às vítimas.
12. após os ibos, curdos, afrossudaneses, novos massacres. o povo khmer está envolvido em feroz luta com as forças governamentais...
13. céu muito nublado, vento fraco ou moderado de sudeste....

10. e.9. para uma história parcial que fale de homens. fev 16, 1970

(ah! se das mãos
dos pés
 brotassem raízes
ah! se das raízes
dos troncos
 pendessem espojos!)

enquanto a teu lado
um ribeiro tranquilo

 correr placidamente

 as águas serão rubras

se fechares o sol
se do alto brotarem palavras
e enquanto ouvires acusações

 tapa os ouvidos com um estampido

(se um não chegar

 usa indiscriminadamente os necessários)

se os clarões da verdade

 a que chamam dia

 não te ofuscarem

e a inóspita treva

 batizada noite te não assustar

então como irás aniquilar

 a guerra que te intimida?

se te servires do ribeiro fertilizador
pode acontecer ao pão colhido
ser adubado com sangue

 e as terras aradas darão frutos esquissos

com sumo de ideais falhados

 cascas de suspiros de paz

 e sementes metálicas

(as mesmas que ouves sibilar em dias de sol
por entre o canto silencioso das cigarras)
nas searas e nas vinhas

 não cheirá a suor

enquanto arremessarem impolutas granadas
como grainhas de espontânea geração
do fogo nascerá o caos

reordenado com lágrimas ressequidas

com cantos de vindima celeste

então

 sobre o restante

se debruçarão os sábios

 e falharão

não mais se saberá

 nem ouvirá falar

 de HOMEM:

11. e.15. crónica do quotidiano 2, junho 11, 1970

na madrugada que comigo se cruza, todos os dias ouço passos nas ruas vazias repletas de silêncio. estugo o andar e continuam a martelar-me as passadas, agora mais rápidas. o céu começa a raiar-se de luz, noite ainda. a cinzenta fachada dos prédios fechados e mudos. um ronronar contínuo acompanha-me. a brisa levanta papéis. uma cidade suja e calada. nem gente (daquela que trabalha de noite para os que vivem de dia), nem carros, só os passos que me confundem. os lampiões são gotas de luz que salpicam as trevas. num portal, uma sombra estranha. assusto-me. um vagabundo a repousar. é de estranhar depois da inflação dos bancos para toda a gente. uma fila longa de carros escuros, parados, aproxima-se à medida que caminho. meto as mãos nos bolsos vazios ou quase (não assobio porque não sei). tiro duas moedas: 1\$50. o preço conformado com o descanso vê-me seguir e passar pelos táxis frios no anonimato da noite. vejo mais reclames luminosos. PENSÕES. DORMIDAS. ah! como me apetecia ficar já aqui, se não fosse aquele reboliço lá dentro, aquele vaivém contínuo, numa atividade febril quase diurna, igual a tantos sítios em tantos países., sem remédio porque não é uma doença, ou então teriam de exterminar quase metade da população. luzes que acendem. que apagam...q u e a c e n d e m. q u e a p a g a m. . Q U E A C E N D E M. Q U E A P A G A M. uma loucura para os olhos cansados de mais um dia, com mais de 24 horas. as horas que, minuto a minuto, segundo a segundo, escorrem lentamente por entre os movimentos que faço. continuo o meu passeio forçado, voluntariamente aceite no meu regresso a casa. atravesso agora outra rua deserta e vazia como todas ou quase. os cláxones, o fumo, o pó, as marcas no asfalto, os irrequietos peões, as crianças, os velhos, os carros, os camiões, o sinaleiro ou o semáforo vermelho. indiferente, atravesso na certeza de o espaço estar noutra tempo. guardo para amanhã estas impressões sobre o trânsito (diurno). e as passadas, uma a uma, certas, cadenciadas como o bater do relógio, a perseguirem-me. olho para o relógio – 5 e meia, o céu mais claro, chego a casa para descansar. meto-me na cama, nos lençóis quentes, o cheiro a gente, a vida, à mulher desconhecida que dorme ao lado. esqueço os passos que já não ouço. passados instantes já ressono. 8 horas, saio de casa, o mesmo trajeto de ontem, de sempre, um formigar de gente igual com as faces marcadas na vontade-livre de trabalhar por imperiosa necessidade de sobreviver. um dia mais que escorre e se escapa por entre os dedos abertos das mãos fechadas. as horas extraordinárias. o cinema. a televisão. o automóvel. os eletrodomésticos. a ambição. a morte. mas antes o rotineiro dia a dia, aniquilante, com a noite a entrar no dia deliberadamente e a mulher com quem se casou – a desconhecida com quem se dorme. os filhos que se têm e não se veem e que estudam – ou deviam estudar – para trabalharem menos que os pais, ganhando mais do que os avós. e as marteladas dos passos no ouvido, uma noite, uma vida inteira, até que cansa os próprios pés. nessa altura, cansado de tudo e todos, a decisão que se toma. a mulher, os filhos. a miséria. o paraíso dourado da estranja. as maçãs do paraíso com sabor a desilusão, um regresso. uma volta ao lar, à mulher, aos filhos, ao desemprego, ao desespero. até que um dia levem desta vida as passadas, aquelas incómodas e perturbadoras. martelarão mais tarde no ruído intenso das 15 h., passadas de vultos negros. chapéu na mão. o chiar da carreta. as flores que se apanham do chão. os filhos que choram. o movimento intenso, os cláxones, o fumo. as marcas no asfalto, os peões, as crianças das certezas tristes, os velhos, os carros, o camiões, o sinaleiro e o semáforo – enfim - verde.

CAPÍTULO 3

DAS DIVINDADES

**às TRÊS IDADES DO HOMEM:
do sonho, da corrupção, da morte**

do sonho

12. 414 a poesia é uma bola sempiterna (a antónio gedeão) mai 27, 1972

*(a poesia é uma esfera sempiterna
máquina de fabricar sonhos
semovente tablado dos dias
a António Gedeão
poeta e homem)*

a esta bola colorida
deslizando frágil
irisado vitral da imaginância
devo o fugaz instante
combustão de amor
em pedra dura – CASA
- MUSEU
- AQUÁRIO de mim mesmo.

circundo a cabeça
sórdida aldeia
no sonolento cenário
a sibilante esfinge
imponderal contraponto
na superfície do eu
no palco do centro
rolantes águas se projetam
contra as paredes do corpo

- (há um eu a boiar dentro de mim!) –

esfera colorida
nas mãos de uma criança
verso branco da ideia
refulgente íris de mil sois
na refração do instante
boiam gemidos nas esporas da canção
livres margens da poesia
sem forma nem lei
aparente alfabeto
sem adornos de lua velha
bola colorida
matizada
cintilante angústia
ora me choca
ora me afaga
inquebrantável raiz de não ser-só

adolescente apoteose
 coruscante liturgia
 apunhala a garganta do grito
saber dos outros
 a opaca sinfonia

lá fora
 no mundo longe
ascendem clamores
 deliquescentes compassos
 e o ator sou eu nesta CASA
 MUSEU
 AQUÁRIO de mim mesmo.

isolado
mudo e suplicante
sem gritar que existo
 só
memória de invenção antiga
EU (o) DEUS DE MIM PRÓPRIO

13. e.16. vem correr comigo (à bi rua) jun. 11,12, 1970

vem correr comigo. cabelos soltos ao vento.
pernas fustigadas pelas espigas, como um poema lançado ao fogo.
o cheiro a campo, a feno.
calma na aldeia. os campos povoados.
gente afanosa de um lado para outro.
o que se semeia. o que se colhe.
as terras adubadas pelo suor.
as mãos calejadas pelo trabalho.
o pó a entranhar-se nas rugas da cara.
os dias belos, verdes e azuis, cinzentos, iguais a tantos.
os cães ao longe guardando os rebanhos.
a fome e os verdes prados.
o sol a pino, como pá ou picareta abrindo estradas,
fazendo brotar água das f(r)ontes dos lavradores.
a brisa que não corre.
a sombra que se escolhe para a merenda frugal.
comida de crianças para homens feitos.
de novo a enxada até sol-pôr.
vidas penhoradas por frutos que não serão colhidos.
ao longe passam carros sibilantes.
por cima enormes monstros dos ares
atroam a calma, violam a aldeia. o sino assustado repica a medo.
pendurados nos fios há pardais. colocadas nas fundas há pedras.
as velhas sentadas ao sol que entra nas portas abertas.
enxameiam moscas. crianças chafurdam na lama.
cães encostados às próprias sombras
sacodem as moscas, coçam as pulgas
(em todas as elites sociais há parasitas!)
cabeças se movem inquisidoras
dos lábios o cumprimento-saudação
oculta comentários inconvenientes. fica a pairar o murmúrio.
chapéus nas cabeças, mãos que se levam ao chapéu.

e nós só queríamos os verdes campos
a vontade contida de correr e saltar
a liberdade dos pássaros-homens
dos homens feitos pássaros.
as noites claras e límpidas.
as estrelas no alto como teto.
nós sentindo a terra pulsar sob nossos corpos.
com um frémito
percorrendo as suas formas, o seu calor.
coladas as bocas, juntas as mãos
o nosso bafo entrecortado
por teto as estrelas.

14. e.17. para uma canção triste de embalar (à bi rua) jun 26, 1970

não vou falar de ti, de mim ou de nós.
vou cantar uma história de embalar
quando as pessoas, por exemplo, no alentejo
tínham as costas vergadas
as caras rugosamente marcadas
e o bronzeado de muitos sóis
mãos ásperas mas fortes de homens

- não vou dizer que eram fortes como as certezas
mas direi que a vida vivia lá
por entre os vagarosos extensos campos
mudos e cabisbaixos como os homens
que adormeciam entoando hinos às estrelas
eu e tu dormíamos sob um branco teto –

homens para quem as estrelas entoavam cantigas de embalar
a vida igual e os homens os mesmos
indiferentes chorávamos os nossos problemas
falávamos mas nada dizíamos
as nossas palavras lançadas à terra não germinavam
as searas dos nossos atos sem espigas para colhermos
o pão que amassávamos era feito de pedras
que tínhamos em lugar de corações
os homens calados e taciturnos continuavam
embalados entoavam cânticos
à paz universal no meio do silêncio
enquanto os campos se agitavam
as pedras florescia e os regatos iam alegres
gargalhando segredos jamais pronunciados
eu e tu sob o teto branco por céu
e os homens que então havia dormiam
embalados pelas estrelas
as nossas mãos macias e aveludadas
o ar cansado e os olhos profundos
faziam rir de pena homens e mulheres
pelo choro dos nossos problemas
- esta a canção de embalar –

súbita e simultaneamente surgiu do nada
um metralhar impiedoso
ceifado o sangue saía em borbotões
das bocas abertas mas caladas
como balões vazios ficavam os sonhos
para quê então uma canção de embalar?

entoemos em uníssono, uma última vez
esta trova de ninar.

15. e.28. o calor das pedras, set 16-17, 1971

1.

nas latas altas onde coabitas
cheiro de gente de trabalho
caixas de odores
com eles te misturas
ofuscando olfatos
cansados
 insensíveis

2.

deitados no calor das pedras
ao vento ou rumor do silêncio branco
habitando a casa do corpo
lá onde a mão se abre e vai
e os pés gelam na montanha
viva com sabor a terra nua
as ervas flutuam em teus cabelos
como em bocas de fome e frio
o olhar errante
 luminoso
 inflamado
neste corpo-não-sonhado que ondula
como ilha ou vulcão

3

a boca que na boca tenho
não me diz como és
se corpo, se coisa, se pessoa
a mão trémula te percorre
hesita pela resposta muda
entre ter-te e não
hesita no abismo dos olhos
enquanto nasces (ou não) decido
bebo as ondas vivas do teu ser
tecendo o momento vibrante
fogo, rio, oceano
árvore aberta num murmúrio
pela nuca, sexo, ancas
música mística suave sussurro
sem luta depões as armas
língua despida de árvore
apertas o chão onde caíste
desprendes o vaivém de mãos
resta a noite e a terra
e as formas já caladas
por entre o silêncio
de raivas penetrantes

devorando este momento novo
bocas silentes ventres em fuga
corpos em ondas de suor

4.

com dentes curvos

de derrota

cravo fundo

a pele do desespero

olhos gaseados

dedos enclavinhados

serena assistes

com sorriso mordaz

trincas os lábios

empolgada

compões o cabelo já composto

o sangue escorre

gota a gota

mancha

verde alcatifa

o telefone zunindo

ao longe

mesmo que o desespero deixasse

a mão não o alcançaria

ris-te sem disfarçar

pedes que te agrida

violentamente

não te darei essa satisfação

o telefone retine insistente

a mancha alastrando

o teu sorriso baila

lábios sensuais

meus dentes fitam-te

desejo incontido

enquanto a loucura se apossa de mim

tu sorris incrédula

excitada pela sensualidade

dominas tudo e todos

sabes da loucura a violência

rios de forte caudal desaguam

em cascata certa

fracalhados e submissos

o teu corpo esquiva-se sempre

perante esta impotência alheia

sublime e inconquista

te levantas e saís

alagado em suor acordo

ainda e sempre este pesadelo

sem consumir a nossa boda.

da corrupção

16. 381.2 o homem corrupto. jan, 19, 1972

o homem corrupto comprou o país
praças de estátuas inúteis
coutada de privilegiados
alfobre de ineptos
 inaptos
macabros torcionistas da verdade

composto o hino
 pacífico e marcial
como convinha à nação
instituíram-se feriados
 políticos
para saciar povos de aclamar

o homem corrupto comprou o rebanho
alimentou-o de fome e fé
vestiu-o de preconceitos tradicionais

encurralado nos desfiladeiros da mentira
torturado pelo opróbrio da grande farsa
silenciado pela humilhação da grande fraude
o senhor partiu
 isolou-se
 orgulhosamente sátrapa
do seu antro
 ditava ordens incongruentes
colhia fundos e mundos
 entesourava
a nação enriquecia
 à custa do seu suor
 e era pouco
hipotecou o seu sangue
lá fora no mundo
 que avoengos construíram

a mudez era enfrascada
sujeita a análises laboratoriais
imperava o silêncio total
 absoluto
e a polícia
 de si própria e dos outros
caçava louvaminhas inconsequentes

o homem corrupto morreu
deus-de-si.-mesmo-e-dos-outros

nem todos

além das lágrimas extorquidas à fome
ao desespero

intelectuais,
homens-de-bem
sonhadores e utópicos
viram chegada a sua hora de ação

(presos por motivos políticos

TODOS

foram executados pelo novo tirano).

17. e.30. crónica do quotidiano 3, memórias de guerra. set 24, 1971

1.

o general medrou no instante obsceno
imponderável espelho de todas as ambições
rosto ou eco de mim próprio?
espio o calendário esfolhado
horas desertadas num véu sem mistério
em cada janela do tempo

(a cada momento
 todo o ato
 é desnecessário)

senhor general cuidado com os vidros
monoculares olhos de todas as guerras
dança cadeira menina
regressa a ti própria
 onde jamais habitaste

suspenso do fumo
 ardente farda
iridescentes fogos
incandescentes celas nos abrigam
pendular impaciência
 sôfrego macho
na berma da estrada o duro leito
longa viagem sem retorno
inventam-se vitórias, árduas escaladas
com timbales e campainhas
 tímidas carícias proibidas

ei-la que entra
banal gesto alugado ao corpo
já o velho murmura afagos
esponjosas carícias imaginadas
trémulas mãos sujas
 de sangue inocente
preço injusto de algumas fomes

soergo a cabeça e pesa-me a rua
desabam mundos na chávena de café
sorvo sensual boca de muitas esperas

adejam aves sem nome
mirradas folhas de oculta metralha
mutilada cor de muitos mapas
esvaziada a memória
 de cansaços muitos

adormece agora saciado
 generalzinho de merda
não trinquês dedos de infintos medos
truncando o campo
 espaço de mortos
inumanos gritos de estertor
 saíram à rua os fantasmas
e agora?

para quê a pistola senhor general?
deixe-os revisitarem o calendário
não regressarão aos ataúdes
soam alarmes em tantas cabeças
denso o tráfego de passos
apressados se cruzam e acotovelam
ninguém os deterá
 o quartel vazio
 armas ao abandono
todos de si riem
descomposto
 repugnantemente nu
pústula de gente
ridículo e só na multidão
insígnias do medo
 (o futuro é já amanhã!)

diluo-me pausadamente na bica
negro êxtase de espuma
boiando descontrolado
 me afogo
são vagas asa recordações
 e me inundam
suspenderam a rotina em volta
interferentes e intrometidos
 de louco me apodam
nem um gesto
 por mim
 pelo vagar deste cansaço antigo
desaگو na praia
longo areal de memórias
 exauridas
ofensas se erguem os lábios
 no desdém da colher
retemperado (pelo açúcar indissoluto)
pago o preço deste sonho
 outro
ignoro o desdém
 pobres assalariados da dúvida

profanam ociosos templos
que fomos.

ruidoso relógio nos matraqueia
calcorreamos as folhas deste espaço
inútil livro que não escrevemos
soam clamores, cláxones e freios
alheado prossigo sem ouvir
vociferantes vozes que já esqueci
devo-lhes novas angústias
somos a cidade do passado
estéril abismo que recusámos.

carcomidos degraus da sombra me protegem
solitária melopeia de saudade
no espelho se esváíram dez minutos
renasceu há apenas três senhor general
atravessava o corredor imaginário
uma ficção de rua quotidianos esbirros
no nexo do real
saltamos o grande muro
de nós mesmos

2.
nenhumas imagens nos percutem
ruinosas pedras
desocupada janela
nunca existida
desconheço este fantasma que habito
repetem-se passadas antigas
como se fossem primeiras
estranhas forças me dominam
sibilante é este tempo inventado
na brisa
o vento novo na casa da palavra
a ordem cumpriu-se
em nossos caminhos
a longa missão
povoa-se de alegorias
escombrosos dias
muradas deliquescências
escabrosas invadem
o revérbero da imagem
no princípio do beijo
o mundo
desaustinado ato
inaugura a luta
sabíamos ser o cavaleiro andante
solitário

líder da resistência
ei-la
é tua
desfruta deste conluio
enredada batalha inconclusa
não à avidez
soçobrantes corpos
encrespadas mãos
quase unidos no prazer
na posse primeira
(a eternidade é uma falácia, dizem!)
concêntrica viagem ao outro lado
em vão se aguarda
a abruta queda sem regresso
insubmissos
sobrevivos envilecemos
a engendada equivocada desordem
podres
corruptos
cancros de todos os filhos
existimos nos que creem
e confiam
em vão.

estrelante civilização
da bomba letal
cercados por decadentes fomes
soubemos da vida
bebemos a taça
no sétimo céu das indiferenças
emborça o general
vitória pírrica sobre o medo
soldado de muitas guerras
todas absolutas e finais
nunca libertado
do embalo de sonhos inominados
matou
decepcionou
estropiou
nunca a verdade saberás
general-da-grei-sem-lei
- o nome da paz desconhece o sangue da liberdade -

da morte

18. 408. carta aberta dum condenado. abr 24, 1972

petrificado hábito

caos absoluto

a piedade não acalenta

friezas judiciais

...

espera longa de inúteis cansaços

nas grades silenciadas

sem arrependimentos – remorsos

soledade refratada de rancor

...

solidão

guindaste imenso movendo-nos compassado

erguendo premeditadas reformas

...

criminoso

assassino

gangues de homem antepassado

crivando de insultos a rotina

incandescendo ultrajadas almas

com a música mística das pedras que não cedem

- não partem nem cedem –

marginal habitante do pesadelo

soletrando como vos dói estarem vivos

ignorando porquê

nesse ofício de nada criarem

nem mesmo a morte a que me condenaram

(insensível

mentalizado

já a ela tinha direito

desde o ato de que nasci!)

crime

o que é? para quem?

a sociedade que integro como júri

tornada juiz de mim?

todos lhe demos forma

significado

eu

os outros

a vítima de mim

sou deus de mim próprio

e os deuses não se condenam à morte.

19. 412. um homem só. maio 9, 1972

(um homem só
 corpo
sem que alguém vá
 e o erga.)

aldeias da história-lenda
fogo de imigrar em sangue remoçado
verbos de mata-bicho

idades-tentáculos-de-ilusão
névoa de baforar desprezo
 esta deverá ser a leitura

(habitante-perdido-de-um-qualquer-universo
cósmico
 mísero
 estrangeirado
bebes o sol puído pelos outros
cavas o mosto
 no feudo da tua pátria

- revoltas adiadas no acre travo do vinho -)

homem-adega-de-qual-desespero
 reinventa-se a esperança
submisso aos suores fáceis
subpeça
 roda-dentada da produção
vives na sacra coutada dos monstros
cansam-se os dias sem alma
esclavizadas horas
metálicas vozes de robôs
descomandando alienantes vontades

marejados olhos de saudade
verdes campos de miséria
searas de fogo lavradas
 corpo de todos os ventos

(envilecido corpo
 lasso
 corcovo
 trôpego
o homem-mascarado-de-máquina
foi substituído sem palavras

liberto

habituais
os amantes estranharam
era de chaillot a louca
tropeçando no fardo
o jornalista pressuroso
bateu mais uma chapa
sem risos

ninguém perguntou
porquê ou como
o corpo ninguém o reclamou
no laboratório hospitalar
o retalharam
e depois de usado
o lançaram à estrumeira
não lhe sabiam
nem nome nem a idade
nem lhe pagaram o direito à morte.

as aves sussurravam LIBERDADE.

20. e.20. e de súbito, noturnamente toda uma vida. set 1970

saímos uma noite em busca de pirilampos, íamos pelos campos fora de mãos dadas como enamorados esquecidos de tudo até das estrelas. de repente caiu uma e vimos que era como os pirilampos. foi nesse instante que entendemos que o mundo estava errado. pensamos então na sua reconstrução começando por nós. não foi precisar inventar os corpos pois sempre existiram. apenas numa dimensão imaterial nos sentíamos superiores. envolta tudo e todos indiferentes à revolução que fazíamos. à nossa frente corriam os ideais e para trás ficavam com estrondo de derrotas, asa desilusões e sonhos esmaecidos que doem a multiplicar, como desaires quando se luta pelo que se ama. criamos em nós e nos ideais, as pessoas pasmavam só de olharem. pela calada mandavam os filhos fazerem arruaças, e nós prosseguíamos na reconstrução, revolução, encontrando ruínas de outras civilizações, da nossa a certeza de se prolongar para lá dos tempos, armas e exércitos poderiam parecer ridículos pois não os tínhamos. as vítimas seríamos só nós e o suicídio não levaria ao desespero. poderíamos ter-lhe dado os mais estereotipados nomes mas chamei-lhe apenas amor. as paredes caiadas de branco ficaram enrubescidas pelo sacrilégio e começaram a abanar freneticamente, as portas batiam e o vento entrava a assobiar. indiferentes, permanecemos imóveis no meio da sala, de holofotes assestados sobre nós, altifalantes berrando gritos ululantes de profanação, violando o nosso silêncio físico.

veio e vimos um ancião vestido de maneira excêntrica que apontou para nós dizendo "levem-nos, encarcerem-nos serão julgados e condenados". fomos separados e metidos em celas onde mal cabíamos de pé ou sentados, tratados como animais que eles gostariam de ser se um dia reparassem como são ignóbeis. aguentámos tudo maltratados. depois durante uns dias esperaram que a nossa aparência melhorasse, passaram dias ou semanas estávamos em compartimentos separados mas nunca distanciados de facto. chegou o dia e nos levaram à força para uma sala onde as pessoas começaram a murmurar mal nos viram mirando-nos como animais. olhávamos em volta em busca de algo para sorrir mas o mais amistoso era o martelo em cima da mesa do juiz ancião.. os olhares mirones e reprovadores cercavam-nos e a um sinal do ancião todos apontaram para nós e disseram daquela farsa: "culpados e condenados à morte!"

enquanto aguardávamos no corredor da morte pela data da execução nasceu um filho que nos foi retirado e recolhido.

findos vinte anos de cativeiro no corredor da morte ainda não fora reintroduzida a pena capital que nos aguardava e soubemos por um jovem que se intitulou nosso filho que a pena fora comutada. o nosso crime deixara de ser, amar era legal e um produto de consumo maciço na nova sociedade do mesmo tipo.

21. 415 missmundície. jun. 2, 1972

autoestrada da fama fácil
estirada
 jacente confusão
intricados ossos
 sangue e ferros
 contorcidos
perdida a grande corrida
sem títulos que valessem
nem sorrisos vagos
 desocupados
onde os olhos-de-embalar-promessas
 publicidade
objeto - sim(biótica mulher) de símbolos
 signos
coisificado o mito da feminilidade
viagens
 prêmios
 diversões
e um automóvel-caixão
 para morrer à fatal velocidade
 concurso de beleza última
já no tabuleiro frio da morgue
 se ergueu trémula
para se maquilhar de branco
 tom suave
 próprio para o evento
bela-de-dia-se-deitou
 extenso sorriso noturno

e o corpo premiado na grande exposição
à terra desceu
 sem ovações nem desejo.

CAPÍTULO 4

DAS VERDADES HEROICAS

talvez inconfessadas

22. 421. habitante de todos os calendários. jul. 26, 1972

este o dia
celebrado habitante
de todos calendário

pendente memória no jornal de parede

voou único
irrepetida viagem
ressurreta

canónica consagração da utopia

este o dia
exógamo ato
desfraldado grito
de todos bandeira

imodesto orgulho
ambição
insofreada sede
de não ser-só.

23. 294. poema triste. set 29, 1971

1.

com riso podre de corpo mecânico
cansado de inventar flores com lágrimas coloridas
suo espadas de amor na fragilidade do cristal

violo a sombra que nua projetas
neste silêncio de palavras que adormece
agarro nas mãos árvores onde nunca me enforcarei
fecho os olhos raiados de imaginação
sonho este campo verde do teu olhar
planto atos de que não colherei filhos
atiço o fogo de me sentir vivo
refugio-me nas fálhas desta barricada de palavras
aqueço-me com olhos de ninfa
cubro-me com lágrimas secas de ossos ressequidos.

ou então reescrevamos tudo desde o início:

suo cancerosas flores no cristal do riso
mecânico é o violar da tua sombra disforme
cansado de viver lágrimas no horizonte
em mim começa a paisagem peregrina
são teus os seios e a caridade das piranhas

o gelo e a cicatriz da linguagem
 nos adormece
cósmica é a poeira
 de teus afagos de ninfa
(choro convulso de ossos ressequidos)
eloquente barricada de palavras
 na multitude dos partos
troncos estuantes me repousam
 (lá onde jamais me enforcarei)
morrer não é arquivar lapidares pompas
em ti levedam (de)cantados silêncios
repulsa de ódios sem dimensão
prosaicas asas voam em nossos pés

no bosque inacabado que és
 me quedo adjacente e inútil
por que evitas cantos heroicos
eu os invento nos semideuses soçobrados
eu os amortallo
 éticos solos
 pútridas sementes

recusados
 do alto da pirâmide
 os vindimam no remorso

violento naufrágio de um qualquer hino

no labirinto do medo floresce a catedral da carne

transmigra o sexo sedento

- sim! colonizámos os corpos de ambições desmedidas.

2.

morrer não é ter flores na campa

é estar aqui inútil e deitado

enquanto sofres ódios desconhecidos

de ideais em que nunca acreditarás

na floresta onde cantam os pássaros

não batem corações de heróis como tu

e o canto das aves sou eu que o invento

à medida que os heróis morrem

amortalhados em folhas secas

os homens não se queixarão das suas crenças

os corpos não descerão à terra putrefacta

ela recusará o corpo dos heróis

para que possam apodrecer envoltos em remorsos

e as balas deixam de matar os pássaros

cujo canto invento

salpicado pelo sangue de um qualquer hino.

- NÃO À VIOLÊNCIA! –

exclamo neste silêncio de paredes nuas

enquanto esmago uma mosca em gesto de indignação

é proibido falar de amor

se homens-não-heróis insistirem em comprar corpos

violentando almas que já não existem

por entre riso rouco de animais

enforco-me na cobardia desta inação

com palavras inúteis.

morrer fuzilados filhos

embalados em tempo algum

em berços repletos de esperança

as mães arrancam a carne com unhas de desespero

choram lágrimas de espadas de vingança não desembainhada

rezam preces que homens lhes vendem a troco de religião

acendem velas em altares e vestem de luto

mas os heróis verdadeiros não ressuscitarão.

idades choram nas ruínas

esventradas pelo vulcão de caprichos

idades se erguerão mais altas e ocas

nelas nascerão os que as hão de arrasar.

24. 398.1. *bucólica (à helen mcneill). mar 27, 1972*

colinas tranquilas do tédio
resgatam céus do hábito
pastores de entoar estrelas
sacro ofício de deuses

ninfas de lã
 sacolejantes
 campesinas
descendo aldeias de lousa
vendendo corpos de inverno.

- ciclos transumantes de vida –

cabanas de colmo
 com odor de homem
áridos sons
 montesa linguagem
frugais merendas de condutores de rebanhos
sonhos de fome e frio

rústica paisagem
 fragosas escarpas
cio longo
 noites de vigília

uivantes lobos
 no hálito das trevas
agrestes vales
 povoados
 anjos desasados
estábulo com horizontes de lua-cheia
poeira de tojo esventrando a solidão
mulheres nascidas de bafo
 cristais de cinza
na terra esboroada
 estes pastores
 na sorte diferentes.

CAPÍTULO 5

DAS DOLOROSAS CERTEZAS NARRADAS COM TEMOR

25. 409 a mulher de metal . à maria teresa horta. abr 27, 1972

*à maria teresa horta
(ainda a parede em frente
eivada rotina do insulto
mística música de pedras*

*não partem
não cedem.)*

a mulher-de-metal emergiu
sacrossanta (mas não muito)
entoava um qualquer eletrónico salmo
ridente pendia um crucifixo

sexo irradiante de aço
mecânica erupção
roliças ancas
inconclusos seios
o reflexo de zinco compunha
fria linguagem
metal-de-mulher

linear o tijolo e a caliça
talha grosseiro de cristo
acobreada pelo cio
primavera-de-uma-só-noite
robô-de-mulher-teleguiada
refulgente é o olhar
iridium-4
carnuda
desenganosa engrenagem
oleada
para não cerrar dentes
ao prazer
à derrota
sonora
inflorescente fêmea

- também tu crês na emancipação da mulher? -

26. 420 onde? jul. 15,1972

para melhor aprender o sombrio espaço
risquei um fósforo
segurando-o entre metálicos dedos
não consegui identificar-me
à massa viscosa e arquejante
nem tampouco conhecia
de memória alguma
o fétido odor exalado
templo estranho
plano e amplo
sem horizontes
nem movimentos
som ou cor
algo indefinido
talvez brilho
longínquo
estranha manifestação de existência
pelo tato imaginei-me
habitava um vulcão fossilizado!
depois
côncio da enorme descoberta
cresceu em mim o medo
tornou-se dúvida
já nada era perceptível no estático ambiente
a chama do fósforo incandescendo a escuridão
primeiro hesitante
depois intensa (senti o sol suplantado)

ENTÃO BERREI.
já os dedos ardiavam numa labareda intensa
enclavinados pelo frio
inúmeros sóis metálicos cavalgavam a dor exilada
com sádico
- talvez cósmico –
prazer
apressei-me a apagá-los
nas pedras
nas paredes
em mim próprio
e não havia onde
de novo às escuras
(como aliás sempre estivera)
admirei-me por não ter memoriado
o misterioso local
dei por mim ausente
lá
onde (nunca) estivera.

27. e-33 o futuro é hoje ago 10 1972

era como sentir um deus dentro de mim e depois aquilo começava a mexer, a mexer, borbotando, saía da pele, trespassando os ossos, raspando o ar ao mesmo tempo que as mãos: como quem corta um pão enquanto permanece imutavelmente estático, sem queixas, sem gemidos nem dores, moldado ao gesto, elástico.

...

era como sentir o tempo parado amanhã e apenas se visse o futuro em tudo, até no nevoeiro que crescendo dentro de nós já era húmido cacimbo, lá fora objetos mudos, quietos como jamais, nem dez segundos tinham passado e já era amanhã, vermelho, gorgolejante (o futuro às vezes pregava destas partidas).

olhos sem brilho desorbitados, vagos, num qualquer espaço que nenhum de nós sabia identificar: como se estivéssemos do lado de lá e quando nos mirássemos, esconder-mos-íamos com pavor.

então, vinha o espelho, as pessoas perguntavam por si próprias e as imagens...lá perduravam, as pessoas não.

os rostos abrigavam-se num qualquer buraco à procura da luz que não vem dos buracos, já era dia, as ideias cavalgavam os minutos à desfilada por entre mudos sorrisos tolerantes de loucura. ninguém acreditava na linguagem dos olhos que já eram pó e habitavam um qualquer caixão. no entanto, ali estavam indesmentíveis, lembrando-nos como continuávamos vivos, de pé, naquele templo de morte.

era costume pendurarmo-nos no tempo e os minutos eternos e futuros brincavam connosco, puxando-nos as cordas para nos balançarmos aflitos e temerosos já que não saberíamos viver noutro tempo.

e já tudo era música, vinha dos olhos, penetrava o sexo até os dentes rangerem de prazer. tudo era música incluindo o encarnado das paredes nuas (jamais haviam sido caiadas – como numa acusação) e vinha dos poros de suor, do cabelo empastado como bolas à chuva de verão (que jamais tombará!). sempre a música, na luz, nos sons irrepitados, mijando na lua, na poesia, na inutilidade de correremos atrás do que sempre nos fugirá, irremediavelmente parados num vasto campo atulhado de urnas vazias – JAMAIS ALGUÉM EXISTIU LÁ. –

o som alucinado, as pessoas bem bebidas saindo com passos trôpegos, proclamando profissões entre confissões que nunca serão assinadas porque sinceras.

e um cão sem sexo pois nunca foi cão, encosta-se a um poste, fitámos o animal como se ele existisse e nos chamasse e houvesse poste, depois afagávamo-lo com o olhar, dormiríamos descansados com o poste seco, sempre esteve, apenas poste, nada mais.

um gato mia lugubremente a um guarda noturno, sem rua nem farda, pois nunca foi admitido e continua a viver iludido, enquanto lhe pagam a fome com sorrisos de comisseração, e diariamente se arrasta pelas portas que lá não estão mas deviam, e já há quem lhe atire pedras, as quais não lhe acertando o trespassam, caindo atrás dele como se não o tivessem atingido, o que é mentira, pois as pedras tombam magoadas com restos de sangue coagulado, e o sangue das pedras é vermelho como o das estrelas que não brilham enquanto houver uma chávena de café para estancar o sangue com merda.

já é noite, sempre o foi, mas o sol não acreditou até ver uma ratazana morta de medo e um polícia à paisana num bordel, vestido de luxo como morcego de raça, por entre pedras preciosas de mil enganos fosforecendo na treva.

um mendigo busca um lato de lixo bem conservado e próspero para deitar os seus restos (que civismo! – comentarão e a esses responderei que nada disto existiu). depois, alguém irá, na sua opulência, remexê-los (inventar-lhes-á um nome, talvez banquete, palavra que conhece por ouvir dizer) e continuará de mãos bem estendidas sem que alguém vá e as acaricie (exceto com a saliva do desdém).

a rua vazia como se ninguém a ativesse atravessado desde há séculos, o que também é mentira (outra), pois das pessoas sobraram sombras (ficam sempre para alguém ir e guardá-las) e cabeças de crianças que não nasceram, espetadas no chão para exemplo.

passavam sem as verem, pisavam-nas e elas sem um grito, até que uma tropeçou e todos se calaram, era tarde, já chegara a hora de recolher, não havia tempo de arquivar imagens de agonia. já as gentes voavam mesmo sem quererem, incapazes de saberem como evitar pisar essas flores estranhas que ninguém colheria.

cansadas em casa sem asas nem memória (que esta é uma dor), queriam dormir tranquilas e drogavam-se, pílulas coloridas, cada uma era cabeça de criança em tamanho de alfinete sem ponta nem voz.

o sangue jorrando continuamente como cascata em sonhos, como alguém quase a afogar-se querendo acordar para não morrer e logo acordando nadavam desesperadamente, não havia já quarto ou sala ou casa e ninguém restava para se lhe narrar o sonho.

era assim naquele tempo até que um génio inventou a fala e todos gritaram como se fora vital, então, outrem gritou a lembrança de que já antes se entendiam por gestos e daí nasceu o silêncio.

depois o hábito, o esquecimento, sem saberem o que existira antes do silêncio, e então já eram sapos de enormes bocas abertas, nem precisavam de nadar para (não) morrerem, pegajosos agarravam-se à paisagem evitando a todo o custo cair nela, dando-lhe cor sem movimento; como tinham o dom genial da voz sempre que respiravam e não sabiam que o faziam, logo morriam de novo (desta vez sufocados).

filmes mudos não havia, eram todos toupeiras à custa de terem os olhos vendados (para não dizerem do que viam), escavavam, sem uma palavra, incitamento, e tudo ruía por toda a parte.

deus não fora ainda inventado – nem era preciso – ninguém pensava e se o faziam, pensavam que não podiam, e acreditavam que não (assim estava determinado para não se contestarem dogmas).

foi nessa altura que a estrela se intitulou um qualquer nome e desatou a rodopiar, percorrendo o espaço em fuga interestelar, deixando para trás um rasto invisível que só tomava forma na imaginação das outras estrelas, as quais vinham de noite passear o cosmos, afastando poeira à sua passagem, desafiando o tempo, essa sucessão de instantes inacabados, infindavelmente continuados e perdidos desde o início, pois tudo foi sempiterno (até o silêncio) por nunca ter existido.

...

esta noção de amanhã é falsa, equívoca, ainda falta inventar o “agora” como quem pede desculpa e não sabe, e já de trás todos gritam dizendo que sim para se suspenderem da sua total ignorância sem terem de admitir e confessar a sua inexistência, e então, de novo, inventam algo chamado “ontem” para se autodesculparem, e logo lhes agradecemos sem sabermos porquê.

não estamos desesperados para nos suicidarmos com palavras, lá no íntimo nem a certeza de termos jamais nascido, tudo vago, sem contornos, sem cor nem forma.

28. 366. (à mi) dez 18, 1971

bato à lembrança dos dias
pela porta entreaberta
ouço saudade
entro na sala vazia
nas paredes nuas e frias
nem uma fotografia
para enganar os olhos

vasculho nos cantos e buracos imaginados
nem uma migalha
para avivar memórias
incrédulo saio a correr
com a sensação de ter perdido
parte de mim.

29. 396. olhos de silêncio. mar 22, 1972

ah! este destino de mãos com dedos
palpando corredores da memória
à desfilada em madrugadas ossudas
corpos atirados aos astros

caminhas nos desfiladeiros do sonho
com sóis na boca de beijar estrelas
calas este pus amargo
com olhos-de-mar-e-algas
nas rochas insofridas
sim, falas pelos teus olhos de silêncio.

30. 222. ódio? suicídio? (a mim). maio 7, 1970

fecha os olhos
imagina-te
debruçado sobre o rio

com um dedo
pressão ligeira
igual a empurrão

abrirás os olhos
na convicção
de teres realizado
um dos inconfessáveis
desejos teus.